
A UTILIZAÇÃO DE ATIVIDADES EXPRESSIVAS COMO
RECURSO TERAPÊUTICO EM UM GRUPO DE
MULTIPLAS DEFICIÊNCIAS*

Vânia Aparecida Gurian**

Resumo:

O trabalho refere-se à utilização de atividades expressivas como recurso terapêutico junto a um grupo de clientes da União Brasileira Israelita do Bem Estar Social (UNIBES), portadores de múltiplas deficiências.

A autora pretende ressaltar o valor da atividade tanto para o grupo como para cada cliente, na perspectiva da Terapia Ocupacional.

I. A terapia ocupacional como meio facilitador do processo de desenvolvimento humano

Em todo ser humano existe um processo natural e permanente de desenvolvimento onde o indiví-

* Trabalho desenvolvido junto à instituição: União Brasileira Israelita do Bem Estar Social (UNIBES), no período de fevereiro a junho de 1991, supervisionado pela terapeuta ocupacional, Rosana Zuolo Copoini, da mesma instituição, Orientação metodológica: Profa. Maria Heloísa da Rocha Medeiros, DEFI/UFSCar.

** Graduanda do 8º período do Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos.

duo está em busca de sua auto-realização, autonomia e ajustamento. Quando estes resultados não são alcançados é porque alguma barreira impediu e/ou está impedindo tal processo.

A vida é força positiva que constrói o indivíduo. Todos os recursos de que alguém precisa para o seu desenvolvimento encontram-se nas experiências que a vida oferece. Nem sempre essas experiências são vividas ou possibilitadas ao indivíduo ao longo de seu desenvolvimento. É então que o profissional terapeuta ocupacional, através de vários recursos dentre eles as atividades expressivas, pode proporcionar e criar condições favoráveis para que o indivíduo "liberte" o seu desenvolvimento, isto é, identifique e retire os obstáculos que lhe estão impedindo o crescimento, bem como experencie novas situações de vida.

Um dos meios que o terapeuta dispõe para que o indivíduo "construa" seu processo de vida é o enfoque não diretivo do uso das atividades, pretendendo oferecer ao indivíduo oportunidades para se conhecer como realmente é, com limitações, ou não, em suas habilidades e potencialidades. Nesta perspectiva o terapeuta ocupacional promove situações em que o indivíduo possa moldar-se ao seu modo próprio de vida e nele se inserir, afim de utilizar os recursos pessoais que as experiências lhe

oferecem, para transformações construtivas de atitudes e comportamento.

O ajustamento do indivíduo ao seu mundo "bio-psico-social" não se faz pela mudança do ambiente em que vive, mas pela mudança que se opera no próprio indivíduo, ou seja, na percepção que ele tem de si e do ambiente. Mudada a percepção ou o indivíduo se adapta ao ambiente tal como ele o encontra, ou então, descobre modos e meios de mudar o ambiente e a si mesmo naquilo que é importante para o seu ajustamento. É através do uso de atividades e atitudes que a terapia ocupacional possibilitará as experiências e descobertas daquilo que é importante para o indivíduo.

É neste processo de auto-identificar-se e de descobrir-se que o indivíduo se faz e se refaz constantemente em busca do que deseja e necessita. Nesta perspectiva é necessário permitir que o indivíduo escolha qual atividade deseja fazer e como, ficando o terapeuta ocupacional no papel de mediador, estruturando e dirigindo a atividade apenas quando se fizer necessário.

Através do fazer, os seres humanos entram em determinadas relações consigo mesmo e com as coisas que o cercam. O mundo humano é formado dessa rede de relações: homem X homem X objetos, formando-se grupos.

Segundo Pichon, "todo conjunto de pessoas, ligadas entre si por constantes de tempo e de espaço e articuladas por sua mútua representação interna, se coloca explícita ou implicitamente uma tarefa, que constitui sua finalidade. Podemos dizer então que estrutura, função, coesão e finalidade, junto com um número determinado de integrantes, configuram a situação grupal que tem seu modelo "natural" no grupo familiar".¹

"A função essencial de um grupo operativo é de aprender a pensar... A tarefa pode ser a aprendizagem, a cura, o diagnóstico de dificuldades de uma organização de trabalhos, etc. ... Debaixo desta tarefa explícita subsiste outra implícita que aponta a ruptura de condutas estereotipadas que dificultam a aprendizagem e a comunicação, e que podem funcionar como obstáculo frente à uma situação de mudança".²

Quando se fala em mudança, pode-se associar a rupturas e construções, e para isso trabalha-se com processos de oscilações pessoais e/ou grupais, afim de se estruturar, chegar a um ponto de equilíbrio pessoal e/ou grupal. Nessa busca pode-se trabalhar o grupo sob dois aspectos, segundo Pichon, o de verticalidade que estaria ligado à história

1. BAREMBLITT, **Grupos, Teoria e Técnica**, p. 91.

2. Idem, p. 93.

pessoal do indivíduo, e o de horizontalidade, ao processo atual que ocorre no aqui e agora com a totalidade dos membros do grupo.

Busca-se a auto-realização, autonomia, o ajustamento consigo mesmo e com o grupo social. Portanto é possível trabalhar um grupo heterogêneo de pessoas, isto é, com características individuais aparentemente tão próprias de cada um. É possível reunir essas pessoas em um espaço-tempo e trabalhar com o recurso "atividades expressivas" proporcionando a cada um que se construa a partir de identidades e diferenças, experiências concretas e possibilidades. O grupo se constrói a partir dos processos individuais, focalizando os processos da vida cultural, social e político de cada ser humano.

II. Sobre o Grupo

Trata-se do "Grupo Shalom", cujo nome de origem hebráica significa PAZ. Está inserido dentro dos programas existentes na instituição UNIBES. O objetivo é prestar assistência social aos indivíduos da comunidade judáica.

Este grupo "nasceu" há quinze anos, com o propósito de se criar um espaço onde as pessoas pudessem se reunir e se ocupar de alguma forma, afim

de evitar a ociosidade em suas casas. Durante sete anos foi coordenado por voluntárias da instituição. Foi também a porta de entrada para o profissional terapeuta ocupacional nesta instituição, diante da necessidade de se ter um profissional qualificado para coordenar o grupo e que viesse a dar um novo sentido para o espaço-tempo "ocupados" pelo mesmo. Este profissional deveria identificar as necessidades e interesses individuais e grupais através de atividades.

Atualmente o grupo é composto por quinze clientes, masculinos e femininos. Além dos clientes, participam três voluntárias que atuam como auxiliares de terapia ocupacional, uma professora de música (uma vez por semana), a profissional terapeuta ocupacional e atualmente uma estagiária de terapia ocupacional. O grupo acontece duas vezes por semana com duração de duas horas e meia à três horas por encontro.

A faixa etária e demais características individuais dos clientes são muito diversificadas. Pode-se dizer que se tem um leque de múltiplas características: faixa etária de 22 à 75 anos, bem como pessoas com distúrbios, tanto os considerados orgânicos com suas sequelas e limitações, tanto aqueles considerados psico-sociais. Porém, em meio à essa diversidade, existe um ponto que os une: a

busca de preencher um "buraco" que existe em cada um. "Falta alguma coisa...", dizia um dos clientes em meios à uma discussão.

No entanto essa "falta", esse "buraco", tão presente em cada cliente, aparece sob formas diversificadas e próprias. Concretamente o que se vê são "faltas" de vivências, de experiências, de possibilidades, de afeto, de expressão, que transparecem na maioria das vezes durante a atividade, através do FAZER. Parece-nos que a necessidade de se ocupar, de fazer algo, é a busca de preencher esse "buraco", que durante o desenvolvimento de cada um ficou "faltando".

III. Características dos clientes

A. Clientes Masculinos

Quadro I - Identificação

NOME	IDADE	NATURAL / *	INSTRUÇÃO	ESTADO CIVIL
C.F.	44	Rússia / 1966	Primário	Solteiro
Y.P.	52	Brasil	Primário	Solteiro
C.G.	50	Polônia / 1958	-	Solteiro
C.W.	67	Polônia / 1929	Primário	Desquitado
D.M.	42	Brasil	-	Solteiro

* Veio para o Brasil

Quadro II - Condições Sociais

NOME	NORA COM	SITUAÇÃO FINANCEIRA	PROFISSÃO
C.F.	Mãe	Recebe ajuda da UNIBES	Ajudante de consertos e arrumação do bazar da UNIBES
Y.P.	Mãe	Recebe ajuda da UNIBES	-
C.G.	Sozinho	Recebe ajuda da UNIBES	Alfaiate (atualmente não exerce)
C.W.	Lar dos Velhos	Recebe ajuda da UNIBES	-
D.M.	Mãe e irmãos	Recebe ajuda da UNIBES	-

Quadro III - Condições Clínicas

NOME	DIAG.	CONDIÇÃO FÍSICA E MENTAL	HISTÓRIA CLÍNICA/ TERAPÉUTICA
C.F.	Psicótico	Aparentemente robusto Pensamento e fala dis- sociados	Internação em hospital psiquiá- trico
Y.P.	Paralisia Cerebral	Tetraparesia	Int. em hospital psiquiátrico/ serviços de reabilitação
C.G.	A.V.C.	Sequelas de Hemipare- sia leve	Deixou a profissão
C.W.	-	Perda de memória a curto prazo Deficit auditivo	Internação em hospital psiquiá- trico
D.M.	Síndrome de Down	Déficit auditivo e vi- sual; boa capacidade de comp. de ordens	Oficinas abrigadas

Quadro IV - Participação no Grupo

NOME	ESTÁ NO GRUPO HÁ	TIPO DE FREQUÊNCIA	PARTICIPAÇÃO
C.F.	10 anos	Ótima	Pouco participativo
Y.P.	10 anos	Ótima	Colaborador, com iniciativa e contribui com sugestões
C.G.	03 anos	Boa	Autoritário, de difícil relacionamento interpessoal
C.W.	1,5 anos	Regular	Inseguro, dependente e sem iniciativa
D.M.	1,5 anos	Boa	Boa participação

B - Clientes femininos

Quadro I - Identificação

NOME	IDADE	NATURAL / *	INSTRUÇÃO	ESTADO CIVIL
E.P.	75	Brasil	Primário	Viúva
E.W.	31	Brasil	Primário	Solteira
F.T.	41	Líbano / 1968	Primário	Solteira
L.M.	67	Polônia / 1948	Primário	Separada
G.K.	53	Brasil	Primário	Casada
M.G.	64	Brasil	Secundário	Separada
M.M.	22	Brasil	Primário	Solteira
M.F.	47	Brasil	Primário	Solteira
Ll.M.	36	Brasil	Secundário	Solteira
H.C.K.	41	Brasil	Analfabeta	Solteira

* Veio para o Brasil

Quadro II - Condições Sociais

NOME	MORA COM	SITUAÇÃO FINANCEIRA	PROFISSÃO
E.P.	Filho (frequenta o grupo)	Recebe ajuda da UNIBES	Do lar
E.W.	Pais, irmão e cunhada	Recebe ajuda da UNIBES	-
F.T.	Mãe	Recebe ajuda da UNIBES	-
L.M.	Filha e duas netas	Recebe ajuda da UNIBES	Do lar
G.K.	Marido e dois filhos	Recebe ajuda da UNIBES	Do lar
M.C.	Filha	Recebe ajuda da UNIBES	Cantora lírica (atualmente não exerce)
M.M.	Mãe	Pensão do pai	Vendedora de cosméticos Atualmente voluntária na creche da UNIBES
M.F.	Irmão, cunhada e 3 sobrinhas	Pensão dos pais	-
L.L.M.	Casa de Repouso Padreão	Recebe ajuda da UNIBES	-
H.C.K.	Pais	Recebe ajuda da UNIBES	Manutenção de cozinhas em restaurantes; atualmente desempregada

Quadro III - Condições Clínicas

NOME	DIAG.	CONDIÇÃO FÍSICA E mental	HISTÓRIA CLÍNICA/ TERAPÉUTICA
E.P.	Distúrbios cardíacos e resp.	Dif. respiratórias e deambulação (usa bengala), queixosa comport. afetivos rígidos	Internação em hospitais gerais
E.W.	Rebaixamento mental leve	Boa	Centro Especializado de Habilitação Profissional (doze anos)
F.T.	-	Aparentemente frágil, dificuldades de abstrair	Agudou e falou aos 7 anos. Não lê e escreve porém fala três idiomas. Relac. Soc. Inf. quase ausente
L.N.	-	Boa	Viveu em campos de concentração
G.K.	-	Boa	Dificuldade nos relacionamentos sociais. Situação familiar conflitante (marido alcoólatra, filho psicótico).
M.G.	-	Boa	Após separação deixou a profissão e passou a se relacionar pouco socialmente
M.M.	Rebaixamento mental leve	Boa	Filha adotiva (sabe disso) Acompanhamentos terap. dos de bebê (fonogud., fisiot., psicomotr. e I.O.)
M.F.	Rebaixamento mental leve e distúrbios estomacais	Aparentemente frágil. Lentidão na execução de tarefas e bastante desatenta	Dificuldade nos relacionamentos sociais. Tendência a inanição.
Ll.M.	Deficiente auditivo congênito	Utiliza aparelho de prótese, ouvindo e respondendo bem.	Internação em hospital psiquiátrico
H.C.K.	Rebaixamento mental leve	Boa apresentando alguns movimentos estereotipados (principalmente nos MMSS)	Cliente que mais demonstrou entradas e saídas no grupo por motivos de trabalhos externos.

Quadro IV - Participação no Grupo

NOME	ESTÁ NO GRUPO HÁ	TIPO FREQUÊNCIA	PARTICIPAÇÃO
E.P.	10 anos	Ótima	Discreta, colocando-se mais quando solicitada. Bastante negativista quanto a sua potencialidade.
E.W.	3,5 anos	Ótima	Organizada, com iniciativa relaciona-se pouco socialmente.
F.T.	1,5 anos	Ótima	Insegura e relaciona-se pouco socialmente
L.N.	7 anos	Ótima	Participação ativa colocando-se na posição de líder e atitude de inferioridade e vítima
G.K.	3 anos	Regular	Boa, Questionadora, opina e sugere
M.G.	4 anos	Regular	Oscilante; coopera e lidera, coloca-se no papel de vítima.
M.M.	9 meses	Boa	Bastante falante e relaciona-se com facilidade, ativa e ansiosa, difícil em perceber limites nas relações interpessoais
M.F.	1 ano e 9 meses	Boa	Ritmo lento e muito calada. Sem iniciativa e difícil nos relacionamentos sociais.
Li.M.	6 anos	Regular	Pouco participativa e sem iniciativa
H.C.K.	3 anos	Boa	Comunicativa, auxiliadora e colaboradora. Dificil percepção de limites nas relações interpessoais.

IV. Descrição e considerações de uma situação grupal

A sessão escolhida para ser relatada neste trabalho, contava com doze clientes, três voluntárias (sendo uma iniciante neste trabalho), a terapeuta ocupacional e a estagiária. Neste dia faltaram os clientes: D.M. (42, masc.), C.W. (67, masc.), G.K. (53, fem.), que fazem parte deste grupo.

O grupo se reuniu para discutir e planejar os preparativos da festa de Pessach, a ser realizada na instituição. Esta é uma festa que se comemora a libertação dos escravos por Moisés e significa liberdade, e que é muito importante na cultura judaica. Ao início da sessão percebeu-se que o clima do grupo estava "pesado": ninguém falava nada e havia olhares "estranhos" entre as pessoas. Depois de alguns minutos a terapeuta começou a perguntar ao grupo o que estava acontecendo, comentando inclusive sobre os olhares "estranhos" que estava percebendo. As clientes M.F. (47, fem.), H.C.K. (41, fem.) e E.W. (31, fem.) começaram a colocar suas opiniões até que se entendeu o porque do clima "pesado": discutiu-se o mal entendido que houve entre as mesmas na sessão anterior. A partir deste momento se aprendeu o quanto o grupo evoluiu e cresceu, com os depoimentos pessoais dos clientes E.W. (31, fem.), F.T. (41, fem.), M.F. (47, fem.), C.G. (70, masc.), E.L.M. (36, fem.) sobre "o quan-

to é importante falar sobre os próprios problemas", ou que "o grupo tem um espaço para tal", ou sobre o crescimento individual que o grupo proporcionou através dos meios facilitadores: as relações pessoais, a possibilidade de se expressar, de desabafar, de experimentar, das possibilidades de errar e acertar, etc...

Logo em seguida, o grupo pareceu se aliviar e iniciou-se a discussão sobre os preparativos para a festa.

O grupo decidiu dividir-se em sub-grupos. Neste ponto apareceram as dificuldades pessoais em lidar com o outro, consigo mesmo, e acima de tudo explicitou-se concretamente a existência de sub-grupos aparentemente estruturados no grupo, com a reunião de certas pessoas em determinados grupos.

Diante desta constatação, o grupo sugeriu uma nova divisão: por sorteio ou por afinidades pessoais. Nesta altura o grupo reagiu com diferentes manifestações: alguns "torceram" o nariz, falaram que não iriam mais participar da festa quando, por exemplo, formaram-se sub-grupos em que um não se identificava com o outro do mesmo sub-grupo.

Analisando estes fatos, constatamos com clareza a importância das identificações e necessidades pessoais para a composição de um grupo, quando

por exemplo, o grupo resolveu se dividir a partir do parâmetro: "figura masculina".

Como o grupo é na sua maioria composto por mulheres, tendo apenas cinco homens que o frequentam, decidiu-se dividir o grupo a partir das figuras masculinas (isto é, cada grupo deveria ter necessariamente um homem). As reações a esta decisão foram de risos, constrangimentos, mas um certo ar de satisfação. Concordaram.

Nitidamente transpareceu a importância das identificações dos papéis masculino e feminino, e o peso que estes papéis sociais exercem sobre os indivíduos. É como se a figura masculina protegesse e fortalecesse os sub-grupos para o trabalho a ser realizado. Além disto, levando-se em conta que a maioria das mulheres do grupo é solteira, divorciada ou com estruturas familiares conflitantes, parece que a figura masculina pode complementar, preencher um "buraco" nessas suas necessidades.

O grupo acabou subdividido em quatro sub-grupos:

- | | |
|---------------------|---------------------|
| 01. M.F. (47, fem.) | 02. M.G. (64, fem.) |
| C.F. (44, masc.) | H.C.K. (41, fem.) |
| L.M. (67, fem.) | C.G. (70, masc.) |
| C.W. (67, masc.) | E.P. (75, fem.) |

03. Y.P. (52, masc.) 04. F.T. (41, fem)
E.W. (31, fem.) D.M. (42, masc.)
L.M. (36, fem.) M.M. (22, fem.)

O grupo todo decidiu que os sub-grupos trabalhariam na confecção de cartazes sobre o tema "liberdade". Assinala-se a característica cultural do grupo, quando se decidiu trabalhar sobre tema de sua cultura para celebrá-lo na festa religiosa que se aproximava. Através dessa atividade o grupo procurava reviver estes valores, reconhecendo-os e identificando-os consigo mesmo.

Os sub-grupos se reuniram numa outra sala do setor de terapia ocupacional conhecida por eles como o "atelier".

A disposição dos sub-grupos no atelier foi bem diferente do que estavam habituados até então: os sub-grupos se dispuseram em espaços mais distantes uns dos outros. Ouviam-se murmúrios na sala. Discutiu-se como fazer e quais materiais seriam utilizados nos cartazes. Parecia haver um certo "segredo" em relação ao que seria o produto final, como se estivessem preparando uma surpresa para os demais grupos.

A dinâmica dos sub-grupos foi muito diversificada, pois cada sub-grupo foi composto de pessoas com características bem diversas. Surgiram

dificuldades em lidar com os limites de cada um e o compartilhar e o dividir das tarefas. Estas foram divididas mas o que se via por exemplo, foi que L.M. (67, fem.) e C.G. (70, masc.), lideravam seus grupos e decidiam tudo pelo mesmo. Neste momento houve a necessidade da atuação da terapeuta, que entrevistou mais em uns do que em outros sub-grupos.

O sub-grupo 01 decidiu trabalhar com cartolina, isopor, papéis coloridos, purpurinas, lantejoulas e canudos. L.M. (67, fem), foi a mais ativa do sub-grupo tentando sempre liderá-lo. Os outros componentes mostraram-se mais apáticas. C.W. (67, masc.) participou pouco neste dia, indo embora mais cedo, mas o sub-grupo continuou o trabalho. M.F. (47, fem.) e C.F. (44, masc.) trabalharam de forma lenta, escolhendo e experimentando diferentes materiais, acatando e rejeitando sugestões de trabalho. A atividade parecia ser para eles a forma de experimentar, a possibilidade de errar e/ou acertar sem que houvessem críticas negativas. Eram frequentes as expressões faciais que denotavam a satisfação quando se conseguia concluir algo. L.M. (67, fem.) mostrava via atividade, a necessidade em colocar para fora uma voracidade enorme. Em suas atividades ela se utilizou de uma grande quantidade e variedade de materiais, uns sobrepostos

aos outros.

Pudemos notar que o produto final para este sub-grupo tinha que "brilhar", pois no plano individual era uma "conquista" o fato de terminar e apresentar seus trabalhos para si e para os outros. O produto final do sub-grupo, apesar de ter sido um cartaz de tamanho menor do que os outros, sobressaiu-se pela utilização de materiais que proporcionavam relevo, brilho e cores.

O sub-grupo 02 decidiu trabalhar com cartolina, tintas, lápis coloridos, canetas, desenhos papéis coloridos. Pareciam eufóricos competindo com os demais sub-grupos, querendo fazer o cartaz mais bonito. Diziam isto verbalmente. Esse sub-grupo teve como característica marcante a "liderança". Todos os seus componentes queriam liderar mais e de forma autoritária, demonstrando dificuldades em respeitar os limites de cada um. Foi o sub-grupo em que mais a terapeuta interviu. C.G. (70, masc.) assumiu o papel de "líder maior" e tentou comandar o sub-grupo. Os outros pareciam acatar a decisão. Demonstravam um certo ar de satisfação por estarem sendo lideradas por uma figura masculina (análise já discutida anteriormente). Com as intervenções da terapeuta, o sub-grupo foi trabalhando de forma mais democrática, possibilitando discussões sobre como e sobre quem fazer o que.

Os fatores de perfeição e qualidade foram as características marcantes deste sub-grupo, uma vez que cada um de seus componentes trazem traços de perfeccionismo. Portanto, o produto final "bonito" para este sub-grupo era fato muito importante.

O produto final do sub-grupo foi um cartaz confeccionado com duas cartolinas coladas no sentido horizontal. Tinha como fundo a cor preta brilhante que destacava os dizeres e desenhos dispostos de maneira simétrica, equilibrada e harmoniosa.

O sub-grupo 03 decidiu trabalhar com cartolina, figuras de revistas e purpurinas. Y.P. (52, masc.) demonstrava criatividade e participação ativa dando várias sugestões ao sub-grupo. Ocupou um lugar de "líder organizador". Houve participação de todos os componentes de forma tranquila e democrática. L.M. (36, fem.) saiu mais cedo neste dia, mas o sub-grupo continuou o trabalho.

O produto final do sub-grupo foi um cartaz confeccionado com três cartolinas dispostas e coladas na forma da letra "T". Nelas foram coladas figuras de revistas, escolhidas e selecionadas a partir do tema do cartaz (liberdade), e ao centro colocou-se a figura da estrela de Davi, símbolo religioso judaico, recoberta de purpurina. Este produto final demonstrou a concretização figurativa de suas características culturais e a potencia-

lidade da capacidade do fazer, apesar dos componentes deste sub-grupo serem portadores de deficiências física e mental, dificultando a execução de determinadas etapas no desenvolvimento de algumas atividades.

O sub-grupo 04 não desenvolveu trabalho algum, pois a maioria não estava presente. F.T. (41, fem.) membro deste sub-grupo, colaborou com o sub-grupo 03, participando da colagem das figuras no cartaz.

Conclusão

As atividades expressivas como recurso terapêutico, é mediadora de uma interação do auto-conhecimento. É a ponte entre o "eu de agora" e o "eu de amanhã". Funciona como objeto transicional, envolvendo fenômenos transicionais, onde o indivíduo busca e expressa seus desejos e necessidades, para sua auto-realização, autonomia e ajustamento pessoal e social.

Bibliografia

01. BAREMBLITT, G., Grupos, teorias e técnicas. ed. Graal, Rio de Janeiro, 1986, 2. edição.
02. RUDIO, F.V., Orientação não diretiva. ed. Vozes, Petrópolis, 1977, 3. edição.
03. WINNICOTT, D.W. O brincar & a realidade. ed. Imago, Rio de Janeiro, 1975.